

Alegre, o Fim do Mundo: um breve panorama da prostituição desde o modernismo brasileiro

Joyful, the End of the World: a brief overview
of prostitution since Brazilian modernism

Alegre, el Fin del Mundo: un breve panorama de
la prostitución desde el modernismo brasileño

Gabriel Moraes Medeiros

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20308>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025026



Alegre, o Fim do Mundo: um breve panorama da prostituição desde o modernismo brasileiro

Gabriel Morais Medeiros

 <https://orcid.org/0000-0002-7446-0048>

> gabrielmoraismedeiros@usp.br

Pesquisador de Pós-doutorado em Filosofia

Universidade de São Paulo

*Não existe uma determinada estrutura do dinheiro
que só se deixa conhecer no destino,
e determinada estrutura do destino
que só se deixa conhecer no dinheiro?*
(Walter Benjamin, **Passagens**)

*Ou bem [as heterotopias] têm o papel de criar um espaço de ilusão,
que denuncia como mais ilusório ainda todo o espaço real,
todas as alocações no interior das quais a vida humana
é compartimentada (talvez seja esse o papel que,
por muito tempo, tiveram os famosos bordéis,
dos quais estamos agora privados).*
(Michel Foucault, **De espaços outros**)

Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus.
(Evangelho segundo São Mateus, 21, 31. **Bíblia de Jerusalém**)

*Sou trabalhadora sexual há mais de 35 anos.
Nunca neguei o que fiz e sempre gostei.
Meu trabalho me trouxe liberdade e muitas aventuras para contar.
Mas, como qualquer trabalho, tem seus dias difíceis.*
(Fátima Medeiros, **Putá história**)

A prostituição é uma cidade

Nas representações artísticas do modernismo, a prostituição passará a configurar-se de maneira mais plural. Essa é uma herança da virada do século XIX para o XX, época em que os desgastados modelos românticos, há muito cristalizados, de personagens prostitutas redimidas pelo amor, envoltas numa atmosfera trágica e melodramática – cujo paradigma, no

Brasil, é *Lucíola* (1862), de José de Alencar – perdem terreno para uma sensível ampliação do “imaginário literário em torno do amor venal”, lembra-nos Eliane Robert Moraes (2014, p. 173). Tampouco os falares higienistas de fim-de-século, descritos por Lilian M. Schwartz (2005, p. 249) serão absolutos entre os modernos: recuam, em sua pressuposta hegemonia, as discursividades médico-naturalistas em relação à prostituição. Sabe-se que tais discursos tentavam associar, de maneira centrípeta, os polos sexo-dinheiro a vetores de doenças, a taras, a patologias sociais e à corrupção da juventude, como temos em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, através das repisadas figuras de Léonie e Pombinha, “uma só cobra de duas cabeças” (Azevedo, 2012, p. 348).

Mário de Andrade será um dos evocadores desse estilhaçamento, desse irisar multifacetado, dos velhos estereótipos da prostituição. Quando, em “Tristura”, de *Pauliceia desvairada* (1922) o eu poemático pede a cidade, a “noiva”, em casamento (1987, p. 90), essa declaração de amor gravita ao redor do Armenonville, bordel do Largo Paçandu. Não temos, aqui, a prostituta como a alegoria da própria cidade, e a cidade como alegoria espelhada da prostituta, por quem se apaixona um melancólico flâneur, de “alma corcunda como a avenida São João”, num feixe baudelaireano? A gênese dessa correspondência, fértil no modernismo brasileiro, ressalta-a Moraes (Moraes, 2014, p. 172): “Para definir a estética da modernidade da qual [Baudelaire] foi efetivamente o promotor, sua obra muitas vezes evoca a personagem que, em parceria com o flâneur, lhe serve como alegoria da cidade e da vida moderna”. A cidade como prostituta: quase cem anos depois, Eugênio Gianetti voltará a convocá-la, em *Zoobreviver*. O autor paulistano não estará embutido na temporalidade da flânerie, mas antes, na da mendicância: “mistura de aromas/almíscar, sândalo, jasmim/ mijo, bosta, gás carbônico/ minha querida cidade/ puta velha e solitária” (2018, p. 43).

O bordel é a Terra, e esta terra é mutilada

Prostituição e luxo, prostituição e monturo, prostituição e mendicância, prostituição e *cabarets chics*: em *Virgindade inútil – novela de uma revoltada*, obra de Ercília Cobra publicada por Monteiro Lobato há quase cem anos (1927), temos estas dicotomias em conflito e tensionamento. Via prostituição, conhece-se o Mundo, e logo, a cisão entre estamentos, entre raças, entre papéis de gênero. O mundo real, segundo este livro – o mundo da prostituição – terá em seu peito um grande corte, uma grande mutilação. Quando seguimos esta autora, vemos que narrar a prostituição será uma forma de desvelar o mundo. Livro de formação, de certa maneira, em *Virgindade inútil* o Bildung é parelho à formação da consciência de classe. Em que pesem os problemas do livro, este, creio, é um ponto de atenção.

O bordel de *Virgindade inútil* é um pequeno mundo, e nele está todo o sentido deste planeta. E os sentidos políticos, inclusive. Porque a *revoltada*, em suas páginas, imersa nesse espaço e sobre ele refletindo, não profetizaria certo cerne da Revolução vindoura?

Era esta sociedade mutilada que Cláudia contemplava nos chás, nos teatros e nos *cabarets chics* [...] Como eram modestas as bacanais romanas ao lado da farra moderna [...]. Os antigos ao menos eram coerentes nas suas bacanais, visto que consideravam os prazeres da carne por igual consentidos ao homem e à mulher. Mas hoje, como ajustar os preceitos da moral em uso com sua prática? Como compreender que uma mulher rica faça impunemente coisas que lançariam a mulher pobre no monturo do prostíbulo? (Cobra, 2021, pp. 154-5).

Prostituição: viagem à Terra

A prostituição, na literatura modernista, algumas vezes convergirá à dimensão da viagem. Negativamente, o turismo sexual em direção ao complexo de prostituição do Manguê, no Rio de Janeiro, começa a tomar corpo como tema poético: “Os homens célebres visitam a cidade./Obrigatoriamente exaltam a paisagem./Alguns se arriscam no Manguê,/ outros se limitam ao Pão de Açúcar”, diz Drummond (2002, p. 76) em “La possession du monde”, presente em *Sentimento do Mundo*, de 1940. Ainda sobre o bairro carioca, podemos acrescentar que as gravuras tardo-expressionistas de Lasar Segall (*Manguê*, 1944) retratam-no também miseravelmente. Já em *O santeiro do Manguê* (1950), Oswald de Andrade detecta um fenômeno similar (1991, p. 24), no fragmento “Turismo”: “fatigado da beleza visível das praias, das montanhas e do céu, um grupo de banqueiros [...] no noturno do Manguê e controla o Brasil. – V. Excia. do you do sacanagem com uma brasileira?”. Prostituição e viagem, as vemos aqui conjugadas criticamente, como baliza dos fluxos do capital.

Paralelamente, teremos uma configuração positiva, por outro lado, do eixo viagem-prostituição. A velha Pasárgada, de Manuel Bandeira, em *Libertinagem* (1930), com seu tempo-promessa de evasão aventureira, utopia canceladora do fantasma suicida, promete (1993, p. 144): “Tem prostitutas bonitas/Para gente namorar”. Essa “outra civilização” é, à sua maneira, uma derivação da emancipação do corpo sexual, que a prostituição pode refletir. Uma de suas tecnologias prodigiosas, por isso, está no “[...] processo seguro/ de impedir a concepção”. Já em Ercília Nogueira Cobra, a quem voltamos, a prostituição pavimentará um caminho de emancipação feminina, que também se conectará ao dispositivo narrativo da viagem. No mencionado romance *Virgindade inútil e virgindade anti-higiênica* (1927), a protagonista Cláudia parte do interior para a capital, e daí para Buenos Aires e Paris. No percurso, prostitui-se. Sobre sua trajetória, diz a pesquisadora Luzia Margareth Rago:

Assim, a vida como prostituta em São Pedro (ou São Paulo) permite à personagem conhecer outros momentos e aspectos do comportamento humano, da vida em sociedade e de sua própria sexualidade, aos quais não teria acesso se permanecesse casada ou solteira, em sua cidadezinha. Se ainda não se apaixonou de fato, tem a possibilidade de despertar seus sentidos e de ‘gozar diariamente as sensações deliciosas do beijo’. A crítica que endereça, portanto, à imoral [sic] burguesa, falocêntrica e machista, é radical [...]. É ainda através da prostituição, agora mais sofisticada e refinada, vivenciada em Buenos Aires, que Cláudia se transformará definitivamente em mulher, abandonando os últimos resquícios da jovem interiorana. (Rago, 1990, pp. 340-1).

Finalmente, o binômio prostituição-viagem se positivará também em Oswald de Andrade. Conhecer prostitutas é conhecer, com fascinação, estrangeiras errantes, que passam a ressoar, ao narrador memorialista, na expectativa de sua iniciação sexual: “Continuava, no entanto, virgem, não tendo nenhuma vocação para entrar num bordel. Na venda do pai do Ponzini, conheci fêmeas francesas, polacas, italianas. Mas nada tive com nenhuma” (1976, p. 49).

Na grande escritora Natânia Lopes, o eixo prostituição-viagem é transtemporal, e atinge, nesse passo, o mundo dos mortos. O conto “O namorado de minha avó” (Lopes, 2023, pág. 69) aloca-nos nessa atmosfera.

Prostituição e o reino dos mortos; prostituição e aura poética; cavalos-fantasmas

Nas artes plásticas, as representações da prostituição e do sexo capitalizado tingem-se de veios enigmáticos, em consonância com o que Eliane Robert Moraes afirmou (Moraes, 2014, p. 168): “A verdade é que, ao longo desse período, o imaginário artístico e literário em torno da prostituição passou por mudanças radicais e a reles meretriz oitocentista se viu transformada em um mistério acima de toda compreensão, só comparável aos grandes enigmas humanos”. Nesse sentido, pensemos em Pedro Correia de Araújo. A tela *Mulheres na Lapa*, de datação incerta, aloca as prostitutas no umbral do *memento mori*. Na ambiência do bordel, temos figuras nuas, sobre uma cama, num quarto simples; ladeia-lhes uma prateleira, à direita, e um janela aberta para a noite, à esquerda. Desta janela, desde fora, uma caveira estranha observa as garotas; no interior do quarto, uma boneca pende, mortíca. Conectam-se ao mundo dos mortos, silenciosamente, as prostitutas.

Por isso, essa alcova nos leva a uma dimensão muito mais aurática da que temos na descrição banalizante, mecânica, de *Os condenados* (s. d., p. 143): “E acompanhou-a a um *rendez-vous* da vizinhança. No ambiente vulgar do quarto mobilado, ela despiu-se num velho hábito de prostituição. Era banal, sem inteligência, sem atrativo”. Além disso, se se detectam conexões possíveis entre prostituição e o mundo dos mortos, analogamente as haverá em relação ao mundo onírico. A aquarela *O sonho da prostituta* (1930), de Cícero Dias, parece desvelá-lo. A cena: uma fila interminável de homens à porta; cavalos sem pescoço, com o olhar perdido, zanzando pela noite estrelada, feridos e rorejando sangue. Luzes acesas. Moscas saem de um vaso. O corpo da prostituta pesa sobre o colchão, como se caísse, como se prestes a acordar, sustentado pelas trêmulas rodinhas da cama. Lá fora, um rio de papel, uma casinha abandonada, o pedaço de um prédio, que cospe outro fantasma equino.

As prostitutas de Constantinopla, na temporalidade da surpresa

Nos códigos modernistas, a prostituta assumirá muitas máscaras e medulas alegóricas, esgarçando os mapeamentos românticos e naturalistas que a padronizaram, no decurso do século XIX. A puta será a noiva poética, será a própria cidade, o fluxo devastador do capital,

a miséria econômica, a vítima do predatório turismo sexual, um caminho da emancipação feminina, o símbolo do mundo estrangeiro, a viagem de iniciação e a prefiguração de um tempo outro, num devir utópico, talvez mais feliz, entre outras possibilidades. Lhe serão, à prostituta, pulverizadas, ademais, imagens da morte e de conexões com o mundo onírico, como vimos. Essas linhas de força fazem com que as prostitutas se constituam como personagens polivalentes e polimorfos, e sempre fascinantes. Sua variedade repercute, no eixo simbólico, na temporalidade da surpresa. E a temporalidade da surpresa impregna-se, comumente, de uma carga de grácil revelação. Sempre parecem deter as chaves para a revelação de verdades sibilantes as personagens – e seus modelos – que se prostituem. Essa perspectiva tem algo de fatalista, e vê-se, por isso, bafejada pelas potências do destino. A prostituta como destino, como revelação, como meio de *regressus ad uterum*, como revolução: talvez essa constelação do jogo se situe no seguinte fragmento das *Passagens*, de Walter Benjamin (2009, p. 640): “Muitos pensavam que a mulher-messias que, segundo Duveyrier, poderia originar-se tanto da prostituição quando de qualquer outra camada social, deveria vir do Oriente (Constantinopla). Barrault e doze companheiros partiram então para Constantinopla à procura da ‘Mãe’”.

Prostituição e guerra invisível; prostituição em outros milênios

Já neste milênio, no remoto ano de 2005, a forma-blog e um protótipo do gênero *escrita de si* enlaçavam-se em obras como *O doce veneno do escorpião*, de Bruna Surfistinha. As classes-médias da geração millennial, profundamente marcadas pela experiência da epidemia de HIV, por um lado recalçaram as sexualidades, e por outro as fetichizaram compulsivamente via maquinário disponível (a máquina da internet). Contra esse pano de fundo e sob este ponto de vista, não deixam de compor um marcante empoderamento do desejo (não impedido, nessa obra, pelo trabalho sexual, mas antes, afirmado a partir dele), passagens assim:

Tem quem acredite que garotas de programa não sentem carência, vontade de transar só por transar. Que babaquice. Seria o mesmo que dizer que cozinheiros não sentem fome. Deve ser por isso que, mesmo trabalhando com sexo, eu vivia me masturbando. Quero chegar ao prazer com minhas próprias fantasias (Surfistinha, 2005, pp. 100-101).

É eloquente este excerto. Esta clivagem entre as fantasias alheias e as da narradora. Estas devem ser conquistadas, e conjuradas: as próprias. Estão em outro mundo, em outro tempo, lá onde o tempo do capital não as atinge. Nesse ato virtual de conquista das próprias fantasias não reside, sutil, uma guerra silente? E a guerra que nisto reside não é, necessariamente, uma guerra fantasma, mas antes, um front concreto, embora fantasioso.

Prostituição e guerra: este fio nos levaria, ainda, a um diverso campo de sentido. É epizante (*que o peito acende e a cor ao gesto muda*) a brilhante narrativa *E se eu fosse puta*, tecida por Amara Moira sobre a experiência como prostituta no Itatinga, em Campinas, São Paulo. Dessas enovelações épicas nascem, desde esse livro em prosa, poemas cintilantes, que aos velhos

modernos assombrariam. Gregório de Matos, arcabuzeiro e flibusteiro, junto às velhas Parcas, estariam nessas linhas, e ritmicamente habitariam essas redondilhas maiores (*à medida para o malho | pela taxa da Cafeira | que tem do malho à craveira | são dous palmos de caralho*):

Moira Amarga amara sina
Xeca quando faz a xuca
Neca quando quer a cona
Qual a graça quando ela, fina
Quando ela pena, menina
Quéti não se faz igual
Queijo ofofi não faz mal
Neca inquieta a goela língua
Garra o picu força o bilau
Grita a cláudia a neça mingua
(Moira, 2016, p. 115).

Em que pesem suas diferenças (Amara Moira é uma escritora muito mais sofisticada do que Bruna Surfistinha), não existe no tecido literário de ambas, cada uma sendo o que é, o grande vestígio épico da maior heroína do século XIX, segundo Baudelaire? Não são elas herdeiras natas do *Venha o que vier!*, da furiosa, amável e cavalheiresca Emma Bovary, em seus combates diante das vilas, dos bons costumes e das madrugadas devastadas?

Prostituição e apocalipse alegre

Algo é notável, finalmente: a raridade das representações de prostituição masculina, no contexto modernista brasileiro. Essa raridade assume ainda mais relevância, se pensarmos na obsessão com que as prostitutas são procuradas, por artistas, no âmago de suas criações. Quanto à prostituição masculina homossexual, os eus poéticos de Piva amenizam, um pouco, essa lacuna antiga, através de *Paranoia* (1963) e de seus anjos de Rilke. Mas serão escassos os artefatos artísticos cuja temática gire em torno de uma mulher como cliente, à procura de um garoto de programa. Talvez Kléber Mendonça Filho tenha-o percebido, e a percepção dessa ausência o tenha levado a incluir, muitas décadas depois, a sequência de *Aquarius* (2016) em que Clara, personagem interpretada por Sônia Braga, contrata um profissional do sexo e vive, com ele, uma noite graciosa. Nesta noite grácil, o lubrificante (ou seja, o artifício farmacopornográfico) não se faz mais necessário. Trata-se de uma cena sugestiva e alegórica, embora aparentemente desconectada da progressão narrativa do filme.

Homens putos, clientes mulheres. Este tem sido, notável, um dos grandes silêncios nas representações da prostituição heterossexual. Para compensá-lo imgeticamente, o tema do turismo sexual feminino em direção a polos de prostituição masculina vai, aos poucos, sendo cartografado nos últimos anos, em algumas produções estrangeiras, bastante críticas sobre

os processos que descrevem: *Vers le Sud*, de Laurent Cantet (2005) enfoca o Haiti, e *Paradies: Liebe* (2012), de Ulrich Seidl, posiciona em luz um resort queniano, com veranistas austríacas aposentadas e “homens locais”, numa obra de arte que não se furta a discutir etarismo, colonialismo, racismo e reificação, no coração disfuncional do neoliberalismo, que pulsa conforme lateja seu recuo doloroso: a batida de um apocalipse paradoxalmente alegre. A cada riso trinca-se-lhe o estérno.

Dos bordéis, de que estamos privados

Se as casas de tolerância, *de que agora estamos privados* [ces fameuses maisons closes dont on se trouve maintenant privé], dizia Foucault, alertavam-nos para a ilusão do real por intermédio justamente de seu excesso de ilusão, de certa maneira estaria também nos bordéis, em suas heterotopias – se levarmos às últimas consequências essa afirmação contida n’*Os espaços outros* – um maior e virtual entendimento sobre o mal-estar do século XXI: aquele que nasce do esgotamento do futuro, na civilização do capital, e dos recrudescimentos dos discursos fascistas, em prol do estado policial, que vemos hoje em dia. É, por isto, necessário e urgente – e esta é a função deste texto, ao menos a função que este texto tenta tatear – descobrir o porquê de termos sido privados desses tantos bordéis, de suas festas e códigos, no campo simbólico, na historiografia. De sua épica e de sua narração.

Há muito tempo

Ou, reformulando a questão e forçando-a em direção a meu limitado escopo, faz-se preciso, agora, nos aproximarmos de uma pergunta essencial: por que ainda inexistente, conforme avançamos neste século triste, uma *história das representações artísticas das prostituições no Brasil*? Por que o acesso a essas textualidades futuras, a esse mapa bruxuleante de todos os puteiros e de todos os sorrisos por detrás das caixas de cerveja vazias, (como disse Bolaño em *Putas Assassinas*), nessa remota dimensão fantasmática das artes, por que justo esse livro, ele que é tão necessário, afinal, nunca se materializou? Por que ainda estão invisíveis essas páginas prenhes de medula utópica, por que seguem esquecidas “como o canto da praia onde o mar não chega”, conforme escreveu Fernando Pessoa, numa outra era, há muito tempo?¹

Financiamento: Não houve financiamento para a realização desta pesquisa.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obra poética completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, Mario. **Paulicéia desvairada**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

¹ Este texto foi escrito originalmente para uma disciplina que realizei durante o Doutorado, sobre Modernismo brasileiro, ministrada pelo professor Eduardo Sterzi, na Universidade Estadual de Campinas, em 2021. Seguiu inédito desde então. Foi submetido à Proa: Revista de Antropologia e Arte em 2025 e reformulado em outubro de 2025.

- ANDRADE, Oswald. **Os condenados**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s. d.
- ANDRADE, Oswald. **O santeiro do Mangue**. São Paulo: Globo, 1991.
- ANDRADE, Oswald. **Um homem sem profissão/sob as ordens de mamãe**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. UFMG/Imprensa Oficial. Belo Horizonte, São Paulo, 2009.
- COBRA, Ercília. **Virgindade inútil**. Novela de uma revoltada. Luas: Belo Horizonte, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zz6cfdQBcxskMtMXDHPqT4G/?format=html&lang=pt>. Acesso em 10 dez. 2025.
- GIANETTI, Eugênio. **Zoobreviver**. São Paulo: Patuá, 2018.
- MEDEIROS, Fátima. **Putá história**. Campinas: Ofícios Terrestres, 2024.
- MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo, 2016.
- MORAES, Eliane Robert (2014). “Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária”. Teresa, (15), 165-178. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98606>.
- LOPES, Natânia. **Atuar ou não como prostituta**. Programa, etnografia, putativismo. Campinas: Ofícios Terrestres, 2023.
- RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Tese de doutorado, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 1990. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1578475>. Acesso em 10 dez. 2025.
- SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**. São Paulo: Panda Books, 2005.
- SCHWARTZ, Lília. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 2005. E-book. [vários autores]. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Submetido em: 30 jan. 2025
Aprovado em: 01 nov. 2025

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Alegre, o Fim do Mundo: um breve panorama da prostituição desde o modernismo brasileiro”, de autoria de Gabriel Moraes Medeiros, está licenciado sob CC BY 4.0.

